

**MULHERES CRISTÃS EM VISÃO MISSIONÁRIA:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA
CHRISTIAN WOMEN IN VISÃO MISSIONÁRIA:
A DISCURSIVE ANALYSIS**

Daiane Rodrigues de OLIVEIRA¹

RESUMO: A revista *Visão Missionária* é uma publicação da União Feminina Missionária do Brasil, a qual ensina a mulher batista como exercer suas diferentes funções cotidianas como cristã. O objetivo deste artigo é discutir como a revista representa a mulher batista em suas funções de esposa e profissional. Este trabalho fundamenta-se na noção de *Semântica Global* proposta por Maingueneau.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; Discurso religioso; Feminino; Protestantismo; Semântica global.

ABSTRACT: *Visão Missionária* magazine is a publication of the Baptist Women's Missionary Union of Brazil, which teaches the Baptist Woman how to play her various functions in daily as a Christian. The aim of this paper is to discuss how the magazine represents the Baptist woman in their roles as wife and professional. This work is based in the notion of *Global Semantics* proposed by Maingueneau.

KEYWORDS: Discourse analysis; Religious Discourse; Feminine; Protestantism; Global Semantics.

1 Introdução

De uma forma geral, as mulheres têm sido maioria entre os grupos religiosos. Na igreja batista, estas se organizam na União Feminina Missionária. Tal organização serve como um dos principais suportes (também financeiros) da igreja. Essa organização possui uma editora que produz uma série de revistas e livros, entre os quais, a revista **Visão Missionária**, dirigida ao público feminino adulto. Neste artigo²,

¹ Doutoranda em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). CEP 13083-859, Campinas, São Paulo, Brasil. daiane.unicamp@gmail.com

² As discussões aqui apresentadas foram extraídas da minha dissertação de mestrado, intitulada *No SPA com Deus: uma análise discursiva da revista Visão Missionária*, defendida em março de 2012, no

análise como a revista **Visão Missionária** constrói uma representação da Mulher Cristã a partir do conjunto de semas do discurso batista. Para tanto, tomo como base a noção de semântica global dos discursos proposta por Maingueneau (2008).

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: primeiramente, apresento sumariamente a proposta de Maingueneau (2008) a respeito da noção de semântica global do discurso, a partir da qual esboço a semântica global batista. A seguir, descrevo a constituição da revista **Visão Missionária**. E, por fim, analiso como essa revista constrói a imagem da chamada mulher cristã a partir dessa semântica global.

2 A semântica global batista

Maingueneau (2008) propõe que cada discurso é regido por uma *Semântica Global*, a qual funciona como um filtro de enunciados, que permite distinguir os discursos pertencentes a um posicionamento discursivo. Segundo o autor,

a menor unidade discursiva supõe o acionamento do conjunto do sistema de restrições, e seu pertencimento à FD se manifesta por referência a esses esquemas de base, que são igualmente fórmulas de uma generalidade e de um rigor máximos, que cada enunciado especifica a sua maneira (2008, p.70).

Apesar de sua abrangência, esse sistema é “pobre”, no sentido de que são necessários poucos operadores para construir um discurso. E é justamente a simplicidade desse sistema que possibilita que os enunciadores o dominem. O autor afirma que cada enunciador de discurso dispõe de uma *competência discursiva*³: um sistema simples, porém, fortemente estruturado, o qual permite que ele seja capaz reconhecer enunciados pertencentes ao seu posicionamento como também capaz de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a esse posicionamento. Além disso, essa competência é também *interdiscursiva*, permitindo

Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Essa pesquisa foi realizada com o apoio financeiro do CNPq.

³Maingueneau (2008) propõe a existência de uma competência discursiva semelhante ao modelo da competência linguística de Chomsky, mas diferente desta, a discursiva não se funda na hipótese do inatismo, nem pode ser analisada como a gramática do discurso. Enquanto a questão da aquisição da linguagem chomskiana relaciona-se à explicação da capacidade que os falantes têm de aprender uma língua diante de um número limitado de *performances*, a “aquisição” da competência discursiva relaciona-se à simplicidade do sistema de restrições do discurso e a possibilidade de dominá-lo.

que o enunciador reconheça enunciados contrários a sua competência. Como explica o autor, a competência *interdiscursiva* supõe a “aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados ou da(s) formação(ões) do espaço discursivo que constitui (em) seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p.55).

O campo protestante é formado por diversos posicionamentos que, embora partilhem muitos pressupostos básicos, dividem-se/individualizam-se por algumas questões doutrinárias. Nesse campo, o discurso batista inscreve-se no chamado “Protestantismo Histórico”, ao lado dos Presbiterianos, Luteranos e Metodistas. Todas essas denominações partilham pressupostos, entretanto, diferem em algumas questões. Os batistas se distinguem dos outros pela ênfase dada ao batismo em idade adulta por imersão. A questão do batismo por imersão é fundamental na doutrina batista. Ainda que os presbiterianos, luteranos e metodistas aceitem pessoas batizadas tanto por aspersão como por imersão, para os batistas, isso é inaceitável. Para eles, ser um cristão significa ser batizado por imersão. Tal mudança de prática nos impede de falarmos de um discurso cristão protestante que abranja todos esses grupos. Assim, mesmo que o discurso batista compartilhe uma série de pressupostos (ou pontos doutrinários) com os demais protestantes históricos, a prática do batismo é um impedimento para que todos possam pertencer à mesma grade semântica.

Em suma, o discurso batista funciona a partir das seguintes teses:

- O cristão deve agir.
- O cristão age ordenadamente.
- O cristão age no mundo, mas não é do mundo.
- O cristão deve agir de forma equilibrada.
- Todo cristão é um evangelizador.
- Cada cristão precisa ter uma formação bíblica.
- Cada cristão é responsável por si

A partir dessas teses, propomos que semas básicos que compõem o discurso batista são: /Ação/, /Ordem/, /Integração/, /Moderação/, /Evangelização/, /Formação/ e /Individualidade/.

Tendo em vista o funcionamento dessa semântica, analisaremos como a revista **Visão Missionária** constrói a imagem da chamada Mulher Cristã.

3 A revista **Visão Missionária**

A primeira revista feminina da história de que temos notícia foi criada em 1693 na França, a “Mercúrio das Senhoras” apresentava a crônica da Corte, poesias e moldes de vestidos e bordados. Desde então, muitas revistas foram criadas, circularam e deixaram de circular, dirigidas aos mais diversos públicos, de leigos a especialistas. Tais publicações constituem-se como lugar de circulação de diferentes discursos, que mostram valores, comportamentos e crenças de uma sociedade.

A respeito das revistas femininas, a historiadora Anne Higonnet (1991) afirma que, a partir da década de 1830, elas se tornam cada vez mais populares, atingindo a uma vasta audiência feminina. Conforme a autora, embora algumas sejam mais centradas em moda, outras no governo doméstico ou ainda sobre o que fazer no tempo livre, todas partilham fronteiras da feminilidade tradicional. Em tais publicações, as mulheres são advertidas a melhorar a sua aparência física, a gerir seus lares de um modo mais eficiente e econômico e a triunfar sobre a adversidade. Todavia, embora as leitoras sejam encorajadas a dominar a sua situação pessoal, nunca são encorajadas a pô-la em questão.

Visão Missionária é uma publicação trimestral da **União Feminina Missionária Batista do Brasil**, e funciona como meio educativo e prescritivo da igreja, veiculando as regras e valores da doutrina batista. Acontece que tais valores são atravessados por posições do discurso sobre o feminino. Em nenhum momento tais posições anulam os valores ditos cristãos, mas são configuradas e ajustadas de acordo com tais valores.

Desde o início da igreja Batista no Brasil, as mulheres da denominação têm se reunido para realizar atividades como orações, estudos bíblicos e trabalhos sociais, formando, assim, as primeiras Sociedades Femininas Batistas. Em 1908, foi organizada a **União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil**, com o intuito de organizar nacionalmente o trabalho das sociedades femininas. A partir de 1963, a organização passou a se chamar **União Feminina Missionária Batista do Brasil** (UFMBB).

O primeiro periódico da União Feminina Missionária foi lançado em 1922 sob o título de **Revista para o trabalho de Senhoras Baptistas**. Tal publicação propunha-se a suprir a falta de uma literatura que contivesse programas para as reuniões mensais das sociedades femininas. O objetivo principal da publicação era a

programação das reuniões e cultos das sociedades femininas de crianças, jovens e senhoras. Com o passar do tempo, a organização criou novas publicações. As crianças e jovens passaram a ter publicações específicas. Em 1967, a revista de senhoras passou a se chamar **Visão Missionária**. Ao longo dos anos, essa revista passou por diversas mudanças, “integrando-se” um pouco mais ao estilo de revistas femininas de um modo geral.

4 Mulheres em Visão Missionária

4.1 A esposa cristã

A historiadora Maureen Fitzgerald (2002) afirma que o protestantismo americano no século XIX é marcado pela ideologia da divisão entre a esfera pública e a privada. De acordo com a autora, nas áreas urbanas industrializadas, homens e mulheres protestantes de classe média construíram figurativamente limites que delineiam as formas apropriadas de trabalho masculino e feminino. O padrão, pelo menos para elite e a classe média, era que os homens trabalhassem fora de casa e as mulheres fossem destinadas exclusivamente à esfera doméstica. Nesse contexto, a expressão “*home as heaven*” (“a casa é como o céu”) marca esse contraste entre o espaço público, como lugar onde domina a corrupção, a competitividade e o caos, e o espaço privado, como um abrigo de harmonia e paz. Desse modo, a masculinidade está relacionada, mais enfaticamente, ao individualismo, à competitividade, à agressão e à racionalidade. Em contraste, a feminilidade é definida como uma balança de atributos. As mulheres são apresentadas como afetuosas, nutridoras, abnegadas e guardiãs da moral, das quais (enquanto mães) provém estabilidade contra o exterior.

De uma forma geral, nas revistas femininas, há uma tentativa de definir quais são os papéis da mulher e do homem. Os textos de **Visão Missionária** também são marcados por essa divisão entre os papéis ditos masculinos e femininos. Encontramos na publicação uma série de oposições entre o que caracteriza as funções de cada um:

(1) E Deus então formou a família onde a mulher foi colocada como a peça fundamental para esta formação, pois depositou em suas mãos a responsabilidade de ser o rochedo; a muralha; o ponto de equilíbrio, a orientadora, a ajudadora, **uma vez que Deus lhe deu características e**

funções que só ela pode desempenhar, já que para isto a criou (VM⁴, 3T1998, negrito nosso).

(2) Obviamente, todos nós queremos ser bem sucedidos na vida. Este é, sem dúvida, o anseio natural de todo ser humano. **O homem quer ser um bom marido, um bom pai, um excelente profissional. A mulher também quer ser uma boa esposa, mãe, dona de casa.** Creio que toda mulher, principalmente a mulher cristã, tem consciência de sua responsabilidade, e cada uma delas deseja cumpri-la da melhor forma possível (VM, 3T1998, negrito nosso).

(3) A força dessa união e compromisso são tão grandes que **a mulher é capaz de casar-se com um homem e sair para onde ele for**, a fim de formar uma nova família (VM, 2T1995, negrito nosso).

(4) A mulher, em sua fragilidade, é possuída de doce encanto e suavidade, possui, no entanto, emoções fortes e impulsos sexuais que, se não bem administrados, são capazes de destruir tudo de bom que Deus criou para os seres humanos. Por isso, é necessário, que a MULHER, principalmente nos dias atuais, seja esclarecida, bem informada; que abandone os “tabus” a respeito da sua sexualidade e a use para glorificar o nome de Deus (VM, 1T1994).

(5) O homem é mais racional, prático, de poucas palavras e mais objetivo. A mulher é mais sentimental, fala mais, gosta de detalhes, valoriza a pessoa (VM, 3T1998).

Em (1), a mulher teria a responsabilidade de ser a “orientadora” e a “ajudadora” no lar. Segundo a revista, Deus haveria dado características e funções específicas para a mulher. Nesse sentido, a repartição de papéis entre o homem e a mulher teria sido dada por Deus. Assim, há um efeito de sentido de que essa repartição seria natural e divina. Tendo em vista que no discurso cristão a vontade de Deus é imutável e inquestionável, por conseguinte, essa repartição de papéis também seria.

A análise da formulação (2) mostra que a revista defende que é um anseio natural querer ser “bem sucedido na vida”. O sentido da expressão “bem sucedido”, entretanto, varia do homem para a mulher: ele “quer ser um marido, um bom pai, um excelente profissional”, ela, “uma boa esposa, mãe, dona de casa”. Para ela, “ser bem sucedida” significa estar bem no domínio do lar, para ele, além disso, significa ser um excelente profissional. Segundo a revista, ser esposa e mãe é uma missão dada por Deus às mulheres. Mesmo quando a publicação reconhece a atuação da mulher no

⁴ Doravante as citações da revista **Visão Missionária** serão apresentadas da seguinte maneira: a sigla VM representa o nome da revista, após a sigla aparece o trimestre de publicação acompanhado da letra T, e, posteriormente, o ano de publicação. Assim, nesta nota, VM, 3T1998 representa revista *Visão Missionária*, terceiro trimestre de 1998.

domínio público, o lar é sempre apresentado como o mais importante. Destarte, para a revista, uma mulher bem sucedida é aquela que é uma boa esposa e mãe.

Em (3), a mulher é apresentada como desprendida, é ela que tem de acompanhar o marido, onde ele estiver. De modo que a sua vida social e profissional não é levada em conta, uma vez que ela sempre deve estar disposta a acompanhá-lo.

Já em (4), a mulher (principalmente no que diz respeito a sua sexualidade) é vista como uma ameaça que pode “destruir tudo de bom que Deus criou”. Essa formulação retoma o mito da criação bíblico, em que Eva teria sido a responsável por extinguir a paz do paraíso, fazendo o homem (Adão) pecasse e se separasse do Criador. Segundo a revista, a mulher teria “fortes emoções e impulsos sexuais”, por isso, é advertida a ter uma vida equilibrada, a ter /Moderação/, a fim de que não se torne um problema. Para tanto, exige-se dessa mulher que ela tenha uma boa /Formação/, que esteja bem “informada” e “esclarecida”. Tal /Formação/ é alcançada principalmente pela leitura de **Visão Missionária**.

A formulação (5) aponta para uma repartição de papéis entre o feminino e o masculino: o homem é “racional”, “objetivo”, enquanto a mulher é “mais sentimental”, “fala mais”. Essa relação do masculino com o racional sustenta a tese de que o homem é o chefe do lar, como é defendido no texto intitulado “As chaves bíblicas para o sucesso no lar”, veiculado segundo trimestre de 1983. De acordo com o texto, uma dessas chaves é a da liderança, a qual é caracterizada como “muito importante, especialmente para o esposo”. Destacamos alguns excertos desse texto:

(6) Ser o cabeça significa ser o líder. Não significa apenas a autoridade a exercer. Não significa usar o uniforme e ter o direito de dar a palavra final. Significa tudo isso, mas também significa assumir as responsabilidades que acompanham tal autoridade. O marido deve, de fato, governar (administrar) o lar. Ele é responsável por tudo quanto sucede em seu lar! Exercer autoridade não significa esmagar os talentos e dons da esposa. Liderança não significa tomar decisões sem fazer consultas à esposa e aos filhos. Liderança não significa deixar de dar à esposa o poder de tomar decisões ou fazer qualquer outra coisa. O bom marido pensa na esposa como uma benção de Deus, útil, prestimosa e maravilhosa. A esposa é auxiliadora, e como tal o marido a terá. Ele a estimulará em ajudá-lo. Liderar a família significa cuidar para que todos os membros da família recebam o melhor tratamento. Bem-estar físico, alimentação, roupa, moradia, estudo, etc.

O texto (6) defende a tese de que o homem é o líder do lar. Ele é o responsável. Cuida da família oferecendo “bem-estar físico, alimentação, roupa,

moradia, estudo”. Enfim, é o provedor. A mulher, por sua vez, é apresentada como a “auxiliadora” e uma “benção de Deus”. A análise faz ver que, enquanto as atribuições masculinas estão relacionadas à racionalidade (“dar a palavra final”, “assumir as responsabilidades”, “governar”), as atribuições femininas estão relacionadas à afetuosidade (“útil”, “prestimosa”, “maravilhosa”). Essa divisão relaciona-se a um discurso de que os homens seriam mais racionais, enquanto as mulheres mais sujeitas às emoções. Nesse sentido, o espaço público poderia ser muito perigoso para elas.

4.2 A esposa do pastor

O historiador Jean Baubérot (1991) afirma que, no que concerne à situação da mulher, o protestantismo rompe com o catolicismo, na medida em que considera a vida secular e a vida conjugal um lugar privilegiado para a mulher. Nesse sentido, surge a figura feminina da “esposa do pastor”. Ela aparece associada ao ministério do marido e exerce funções como hospedar, visitar, ensinar e cuidar dos fiéis.

Baubérot explica que o período da guerra de Secessão nos Estados Unidos e da Primeira guerra mundial na Europa altera profundamente o papel da esposa de pastor. Pela ausência prolongada de seu marido, ela precisa exercer tarefas pastorais. Nas palavras do autor, essa mulher

teóloga autodidata, reconforta, aconselha, explica a Bíblia, dirige mesmo reuniões de oração. A prática parecerá tanto mais natural quanto mais essa mulher provenha de um meio social e cultural elevado, e quanto os seus auditores, homens e mulheres, sejam de condição modesta (BAUBÉROT, 1991, p. 242).

De acordo com o autor, há três tipos de situações. A substituição parcial, quando a mulher, já acostumada a ajudar o marido, realiza atividades como o presidir reuniões e visitar doentes. A substituição interina, quando a mulher realiza todas as atividades eclesiais, como casamentos, serviços fúnebres e os sacramentos (batismo e ceia). E a substituição com inovação, uma vez que a mensagem deve dar conta dos tempos difíceis da guerra, novas atividades se impõem. Assim, ao voltar, esse pastor encontra uma igreja local modificada e uma esposa que deu provas da sua capacidade no ministério.

O autor conclui que a “mulher do pastor” torna-se, portanto, um modelo positivo aos olhos da comunidade, como uma imagem de mulher dinâmica. Como explica o autor, “prova de que é possível para mulher não se limitar ao seu interior sem se afastar da ‘modéstia que convém ao seu sexo’ e mantendo ‘uma moral irrepreensível’”. (BAUBÉROT, 1991, p.244).

Na igreja batista, a esposa de pastor é a figura feminina mais importante, tanto que no primeiro dia de março, comemora-se o dia da esposa do pastor. Ela é vista com admiração:

(7) Depois de alguns dias de oração, ele conversou com a esposa sobre sua chamada. Para sua surpresa e confirmação da vontade de Deus, viu Olinda dando pulos de alegria, pois desde a adolescência **ela achava lindo ser esposa de pastor**. Olhava embevecida e apreciava como “ídolos” as esposas de seus pastores. E agora seria a realização de seus sonhos – tornar-se esposa de pastor (VM, 1T1989, negrito nosso).

O excerto (7) enfatiza a alegria que uma mulher batista sentiu ao se tornar “esposa de pastor”, posição que admirava desde a sua adolescência. A esposa do pastor é descrita como uma aliada do marido. Segundo a revista, ser esposa de pastor implica também em desprendimento, uma vez que a mulher deve estar disposta a seguir seu marido, deixando de lado, se necessário, a sua vida profissional:

(8) Logo Neila começou a lecionar no então Instituto Bíblico Batista Paranaense (IBP). Em 1971-1975 seu esposo assumiu o terceiro pastorado na PIB em Ponta Grossa. Como presidente da UFM da Associação de Campos Gerais, ela visitava as igrejas da Associação e fazia estudos dos manuais das organizações, realizava encontros, retiros e ia organizando a UFM nas igrejas. **Sempre alegre, sorridente, desprendida, amando a obra do Senhor sobre todas as coisas**, deixou por todos os lugares por onde passou um rastro de luz e serviço. No ano de 1975, seu esposo foi eleito Secretário Executivo da Convenção Batista Paranaense, cargo que ocupou até 1993. Assim voltaram para Curitiba, onde também pastoreou interinamente diversas igrejas (VM, 3T1995, negrito nosso).

Em (8), embora a mulher tivesse uma ocupação (lecionava no Instituto Batista), era “desprendida”, acompanhando seu marido onde quer que estivesse, “sempre alegre” e “sorridente”. Essas formulações indicam que, enquanto esposa de pastor, a mulher deve ser extremamente abnegada. Suas vontades e vida profissional devem ser deixadas de lado, a fim de que elas não estraguem o ministério de seu marido. Segundo esse discurso, o acompanhar o marido em sua missão está ligado ao amor à obra de Deus “sobre todas as coisas”.

A esposa de pastor é, assim, representada como uma mulher exemplar, que concilia as tarefas domésticas, o trabalho e a função de ser “esposa de pastor”. Ela é descrita como uma mulher ativa, o que está de acordo com a semântica batista, que defende a /Ação/ do cristão no mundo. E também se relaciona a /Ordem/, em que cada um deve fazer aquilo que lhe é atribuído.

4.3 A profissional cristã

Apesar de enfatizar a importância suma da mulher no lar, **Visão Missionária** também aborda questões da vida profissional da mulher. Para análise, selecionamos alguns excertos do texto “A mulher cristã nos dias atuais”, veiculado no segundo trimestre de 2001.

(9) Embora tenha o lar como prioridade, com as novas conquistas a mulher precisa saber dividir e controlar seu tempo com outras responsabilidades, sem renegá-lo a segundo plano. Ao constituir sua família, ela faz votos diante de Deus de preservá-la, e de tudo fazer para proporcionar a seu esposo e filhos o melhor do ponto de vista físico, emocional e espiritual.

Embora seja a maternidade a maior satisfação da mulher como pessoa, a experiência tem comprovado que desempenhar uma tarefa fora das atividades domésticas traz bem-estar emocional **para algumas mulheres**, por exercitar suas potencialidades. Alguns cuidados, no entanto, se fazem necessários quanto à qualidade de tempo no lar, como parar para conversar, brincar com os filhos menores, fazer as refeições juntos, se possível à mesa, compartilhar a Palavra de Deus e orar. “A mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derruba com as suas mãos” (Prov. 14.1). A mulher dos dias atuais – forçada a dupla jornada, necessita de muita sabedoria divina para desempenhar seus papéis (negrito nosso).

No excerto (9), a mulher é advertida que sua principal função é o lar: ela deve cuidar da família, ter o lar como prioridade e a maternidade é a sua maior, enquanto o lado profissional só é considerado importante apenas “para algumas mulheres”. Para reforçar essa posição, aparece uma citação do texto bíblico sobre a mulher sábia que edifica sua casa. Essa citação visa mostrar a adesão respeitosa da publicação em relação aos textos bíblicos. A grande recorrência desse tipo de citação busca criar um efeito do tipo “não são minhas palavras”, isto é, não é apenas a doutrina “batista”, mas é a doutrina do próprio Deus. Nesse sentido, a tese de que a mulher estaria destinada ao espaço privado é apresentada como sendo uma ordem do próprio Deus.

Selecionamos também alguns excertos do texto “Os direitos da mulher no trabalho”, veiculado no terceiro trimestre de 1992. Após descrever uma série de mulheres bíblicas que trabalhavam e algumas considerações sobre a legislação do trabalho da mulher, o texto apresenta as seguintes considerações:

(10) Será que realmente as mulheres precisam trabalhar fora do lar? – Em princípio poderemos dizer que sim, pois as circunstâncias da vida a levam a tanto. Muitas precisaram preencher o espaço que os homens deixaram em diversos setores, por causa das grandes calamidades que assolaram a terra, ou seja, as guerras. Outras, para **ajudarem a complementar** o salário um tanto pequeno do marido, outras para poderem **ajudar** na aquisição e manutenção de um certo conforto no lar. Mas que isso custa muito caro à mulher custa. Muitas se desdobram como donas de casa, funcionárias, bancárias, etc.

Pode ocorrer o caso de uma senhora não ter necessidade de trabalhar fora de casa. Os ganhos de seu marido são suficientes para manter o lar. Ela pode ficar em casa, mas ficará como administradora, observando o trabalho das serviçais, levando as crianças à escola, ensinando-lhes os a algum passeio, etc.

A mulher poderá também fazer alguns cursos avulsos: de costura, crochê, flores, docinhos, música, idiomas; **até mesmo poderá cursar uma faculdade, para acompanhar o esposo em sua cultura.**

Infelizmente há mulheres que preferem qualquer serviço, desde que não seja dentro do lar. É uma pena. O serviço de casa não é assim tão monótono ou enfadonho. Um pouco de criatividade e ele será agradável, rico, prazeroso. Uma casa bem ornamentada pela própria dona da casa tem mais valor, um bolo feito em casa é mais gostoso, um biquinho de crochê nos panos de pratos torna-os mais apresentáveis. **Aquela roupa feita por você, minha irmã, para seus filhos, é bem mais bonita que a das lojas.** Mas isso é, como disse de início, uma questão social. Não é norma nem se pode criticar aquelas que lutam nas atividades fora do ar.

Mulheres que precisam de trabalho são solteiras, não têm uma pensão paterna, então precisam bastante de trabalho e, geralmente, dão conta de todo esse serviço com muita habilidade. Conseguem amealhar algumas economias e vivem sua vida, sem serem pesada a ninguém. E, felizmente, a Previdência Social cuida das viúvas (VM, 3T1992, negritos nossos).

O texto defende algumas posições em relação ao trabalho feminino fora do lar. A mulher deve ser sustentada pelo homem. Isto é, quando casada, pelo marido, e quando solteira, pelo pai. Assim, as mulheres que realmente precisam trabalhar são as solteiras que “não têm pensão paterna”. Ademais, os verbos “ajudar” e “complementar” apontam para um efeito de sentido de que o trabalho da mulher não é o mais importante da casa. O seu trabalho apenas se soma ao trabalho do marido. Ele é quem deve dar o sustento do lar, ela apenas contribui para um certo “conforto”. O texto também defende que trabalhar fora de casa custa muito caro à mulher, posição ligada a um discurso de que a mulher sofre muito para realizar uma dupla jornada de dona de casa e profissional.

Destacamos ainda a formulação: “A mulher poderá também fazer alguns cursos avulsos [...] até mesmo poderá cursar uma faculdade, para acompanhar o esposo em sua cultura”. Tal formulação abriga alguns efeitos de sentido: (i) os homens são mais cultos que as mulheres. Esse efeito se liga a uma posição de os homens são mais racionais que as mulheres; (ii) a mulher estuda para acompanhar o homem. Logo, não para se tornar uma boa profissional ou por satisfação pessoal, mas apenas para acompanhá-lo.

Além disso, o texto ainda defende que as mulheres devem ser econômicas. Posição que funciona como o avesso de um certo estereótipo de que a mulher é consumista e gastadeira. . Em combate a essa imagem de mulher consumista, o discurso batista defende que a mulher seja controlada em seus gastos, não gastando mais do que o necessário. Nesse sentido, a revista defende que a mulher realize uma economia doméstica, costurando as roupas dos filhos, cozinhando bem, decorando a casa com artesanatos. Segundo o periódico, tais coisas “feitas em casa” são melhores do que as industrializadas. Em **Visão Missionária**, o único tipo de propaganda é a de livros da editora da UFMBB. Não há, como nas revistas femininas de um modo geral, propagandas de produtos de beleza ou de aparelhos domésticos. A mulher é incentivada, por exemplo, a fazer em casa seus produtos de beleza. Esse “fazer em casa” tem a ver com uma posição relativa à mulher cristã: ela deve ser econômica, deve ter /Moderação/.

De uma forma geral, as duas profissões mais valorizadas para as mulheres segundo a UFMBB são as de professora e de enfermeiras. Espera-se dessa mulher que ela seja uma “mãe” da sociedade, cuidando da educação e das obras sociais. Nesse sentido, as profissões mais valorizadas nesse discurso estão mais ligadas a uma certa imagem de mulher-mãe: aquela que cuida e instrui.

(11) Também neste período, durante o movimento revolucionário desencadeado na época, fez um curso de enfermagem, **preparando-se para em caso de necessidade servir ao seu próximo** (VM, 2T1983, negrito nosso).

(12) Mercês tem sido uma vida plena, atuante e positiva cujo objetivo inicial – o exercício da enfermagem – Deus aliou uma preocupação toda especial com o trabalho feminino, onde atuou como ousada pioneira. Não só cuidou da saúde física dos enfermos que foram colocados sob seus cuidados, mas também cuidou do desenvolvimento espiritual e da implantação do espírito missionário nas mulheres batistas de toda uma geração (VM, 4T1990).

(13) Começou a trabalhar como professora e fez da sua sala de aula seu campo missionário. Pela graça de Deus, nos 39 anos em que foi professora

estadual, pode falar de Jesus na escola e ver muitos alunos rendendo-se a Cristo (VM, 1T2008).

(14) Como professora [de matemática], a sua meta era o aluno como pessoa humana, era uma alma que podia ser levada aos pés de Cristo, e o exemplo de sua vida marcou a vida de muitos de seus alunos que até hoje guardam em seus corações a imagem da querida professora Ester. **Mais interessada em servir do que em ganhar dinheiro**, ela ajudou muitos jovens a encontrar o seu caminho na vida. Seu exemplo de crente fiel impressionava. Sua conduta correta e honesta era um exemplo a ser seguido (VM, 2T1983, negrito nosso).

(15) Tempos difíceis para a mulher virtuosa da Bíblia estamos vivendo. Fala-se em altos brados sobre a libertação da mulher, sua emancipação e igualdade. A mulher, esposa, mãe e companheira é trocada pela mulher liberal, funcionária, sócia nos negócios e no amor. Andam juntos, porém vivem em apartamentos separados. Infelizmente isto se dá até no meio evangélico. Mas apesar deste caos social em que vivemos, ainda há mulheres virtuosas, esposas fiéis, dignas filhas do Rei, companheiras para todas as horas, mães exemplares, cristãs verdadeiras em todos os sentidos, verdadeiras servas do Senhor (VM, 3T1995).

Nos excertos, as justificativas para o trabalho da mulher não são nem a sua independência financeira (“mais interessada em servir do que ganhar dinheiro”), nem a sua realização pessoal, mas sim a oportunidade de servir o próximo: seu trabalho visa ao “serviço cristão”. Ela deve sempre conciliar sua atividade profissional com a atividade de /Evangelização/ do próximo.

No excerto (15), a mulher é advertida a não se tornar uma mulher liberal. Isto é, segundo a revista, a mulher que troca a posição de esposa/mãe/companheira para se tornar funcionária/sócia. Nesse sentido, a mulher é advertida a não trocar “o abrigo e harmonia do lar” (enquanto mãe/esposa) pela “competitividade” do mundo (tornando-se uma funcionária ou uma sócia do homem).

5 Conclusão

Visão Missionária trata das diferentes relações familiares e seus conflitos. Enquanto esposa, a mulher é advertida a recorrer a um certo “espírito cristão”, comportando-se de uma certa forma a fim de agradar a Deus. A análise faz ver, portanto, como os enunciados sobre o feminino veiculados em **Visão Missionária** são filtrados pela semântica global do discurso batista, construindo a imagem de mulher cristã como aquela que deve ter /Moderação/ e visar sempre à /Evangelização/ daqueles que estão ao seu redor. Ela deve ter o lar como sua maior preocupação de /Ação/ e, quando precisar trabalhar fora, lembrar que sua função será servir ao próximo.

De um modo geral, a revista defende uma /Ordem/ em que homens e mulheres teriam papéis e funções bem distribuídos, em que o masculino estaria mais ligado à racionalidade e ao espaço público, ao passo que o feminino estaria mais ligado ao domínio privado. Essa divisão é apresentada como um desígnio divino. Por consequência, imutável. Nesse sentido, o periódico não subverte o típico discurso sobre o feminino (que a mulher é mais emocional e ligada à esfera privada), mas soma a ele o discurso batista, segundo o qual a mulher deve se preocupar principalmente com sua /Ação/ e a /Evangelização/ em todos os lugares e em todas as suas funções.

Referências

BAUBÉROT, J. Da mulher Protestante. In: DUBY, G. PERROT, M. (org.). vol. IV. **História das Mulheres no Ocidente. O século XIX.** Porto: Afrontamento, 1991. p.239-255.

FITZGERALD, M. Losing their religion: women, the state, and the ascension of secular discourse, 1890-1930. In: Bendroth, M. L. e Brereton, V.L. (Org.). **Women and Twentieth-Century Protestantism.** Champaign, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 280-303.

HIGONNET, A. Mulheres, imagens e representações. In: DUBY, G. PERROT, M. (org.). **História das Mulheres no Ocidente. O século XIX.** vol. V. Porto: Afrontamento, 1991. p.403-427.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos.** Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.